

Ateísmo histórico: Deus, religião e a pessoa em X. Zubiri

*Historical atheism: God, reconnection, and the person
in X. Zubiri*

*José Fernández Tejada**

Marcílio Monteiro de Santana†

Se eu não acreditasse em Deus era um desesperado.

[Ariano Suassuna]

Resumo: Esta comunicação objetiva refletir sobre a seguinte inquietação radical de muitos indivíduos humanos: como ser pessoa? É uma questão importante na filosofia zubiriana. Parece preocupante que a modernidade tenha se inclinado para a niilidade, pretendendo substituir Deus pelo homem, como propõe o ateísmo. Nesta proposta percebe-se um anseio humano irrealizável de superar sua própria humanidade. Ao se colocar como centro do universo, o ser humano acaba por ficar sem Mundo, sem Deus e, também, sem o próprio homem. O existencialismo, enfatizando a pura existência como característica humana, lança o homem no mundo de indeterminações, resultando na soberba da vida. O conceito de absoluto de Hegel foi a máxima expressão desse fenômeno, radicalmente subjetivo. Xavier Zubiri enfrentou tal tema, oferecendo a realidade como fundamento do existir. Portanto, resgata o mais intrínseco do humano; que, por sua ligação à natureza e a Deus, não se satisfaz, nem enquanto mera natureza, nem enquanto ser autodivinizado. A religião a si próprio é o grande problema humano, uma vez que possibilita a reconexão ao que somos e ao que devemos ser. Em contraposição, a soberba da vida nos torna desligados do fundamental, além de artificiais e desesperados. Assim o problema da religião propõe a religião como âmbito de realização pessoal e realidade aberta. Por esta razão, ansiamos ser pessoa, caracterizada por uma estrutura senciente, pensante e intelectual; cabendo-lhe apropriar-se sencientemente por decisão da melhor possibilidade de si mesmo. Deste modo: compete realizar-se continuamente, em contraste com aquelas entidades cuja natureza é fechada.

Palavras-chave: Ateísmo histórico; soberba da vida; religião; pessoa; Zubiri.

Abstract: This communication aims to reflect on the following radical restlessness of many human individuals: how to be a person? Is an important question in Zubirian philosophy. It seems worrying that modernity has leaned towards nothing, intending to replace God by man,

* Doutor em filosofia – UGF.

E-mail: joseftejada.39@gmail.com

† Mestre em filosofia – UNICAP.

E-mail: craziuster@gmail.com

as atheism proposes. In this proposal we perceive an unrealizable human yearning to overcome his own humanity. By placing itself as the center of the universe, the human being ends up without world, without God and also without man himself. Existentialism, emphasizing pure existence as a human characteristic, throws man into the world of indetermination, resulting in the pride of life. Hegel's concept of absolute was the ultimate expression of this radically subjective phenomenon. Xavier Zubiri faced this theme, offering reality as the foundation of existence. Therefore, it rescues the most intrinsic of the human; which, by its religation to nature and to God, is not satisfied, neither as mere nature, nor as being self-ivinizized. Religation to oneself is the great human problem, since it enables religation to who we are and what we should be. In contrast, the pride of life makes us disconnected from the fundamental, artificial and desperate. Thus the problem of religation proposes religion as a field of personal fulfillment and open reality. For this reason, we yearn to be a person, with his sentient, thinking and intellectual structure; it is up to him to appropriate himself consciously by decision of the best possibility of himself. In this way: it is incumbent to be realized continuously, in contrast to those entities whose nature is closed.

Key words: Historical atheism; pride of life; religation; person; Zubiri.

Introdução: o problema do homem e o problema de Deus

Poderíamos sintetizar este trabalho desta forma: o homem descobriu-se no meio da riqueza e variabilidade da natureza, através do animismo, das religiões politeístas até elaborar o monoteísmo. Percebeu-se como algo finito, porém transcendente. Os gregos problematizaram essa questão de forma mais racional, considerando a natureza, o homem, a história e Deus. Mas na modernidade o homem excedeu-se, constituindo a inteligência, os argumentos e a razão conceptiva como ídolos.

Hoje o entusiasmo tecnológico e as promessas transumanistas podem estar em vias de encarar os humanos como meras máquinas manipuláveis; além de, através de um processo radical de secularização, questionar radicalmente a noção e a experiência do divino.

Dividiremos este artigo nos seguintes três partes: primeiro, proporemos uma breve caracterização do ateísmo histórico enquanto soberba da vida; segundo, explicitaremos a noção de religação, enquanto resposta de Zubiri ao problema do ateísmo, e, terceiro, demonstraremos a relação intrínseca entre a religação e a realidade estreitamente pessoal.

Nosso objetivo será demonstrar a tese zubiriana de que a formação da personalidade humana (pessoalidade) só é possível em razão de sua natureza teologal. Em outras palavras: o humano se realiza pelo fato de a realidade do seu ser se dar em Deus.

1 Ateísmo histórico: a soberba da vida

Poderemos ser genuinamente humanos sem expectativa de vida e personalidade humanas? Podemos afirmar legitimamente a dignidade humana se negarmos a instância do divino, que constitui a experiência humana? Para Zubiri, o ser humano encontra-se em uma condição espiritual ímpar de solidão, em razão do uso equivocado da razão, alienado de Deus e de si mesmo. Nesta expectativa, o homem, como um Ícaro do mito grego, tenta voar através das nuvens do modernismo, do iluminismo, do pragmatismo, do consumismo; simultaneamente, desafiando Deus e construindo-se com os poderes dele. Por conseguinte, surge uma religiosidade em muitas de suas expressões insuficiente e descomprometida com a realidade e personalidade humanas. Tal situação conduz a existência humana para a periferia, caracterizada por pesar, fixação no passado, vazio, tecnicidade e fuga (ZUBIRI, 2010, p.67).

Pois, fizemos de nossa capacidade de raciocinar, desvincilhada da realidade, uma ferramenta humana de mera manipulação instrumental para viver nossa história pessoal e social. A responsabilidade do exercício da razão se tornou precária, em razão da separação da realidade última (Deus). A negação de Deus afirmada pelo ateísmo histórico, que se relaciona com a negação do humano, não impede que o problema de Deus se coloque radicalmente ao ser humano. Para Zubiri, sua época vivia substancialmente o problema de Deus (ZUBIRI, 2010, p.383-4). Em razão disto, propôs uma abordagem estritamente filosófica do problema de Deus associado à realização da pessoa humana.

Para Zubiri, o homem não está implantado em si mesmo. Ele está entre as coisas, com as quais tem “comércio”, conforme falaram os gregos, embora delas se distinga, pois enquanto *substantividade pessoal*, constitui-se de um tipo de realidade aberta e dinâmica. Nesse comércio com as coisas esquecemo-nos de nós mesmos, tendo em vista apenas o produto desta relação. São as coisas que tem comércio com as pessoas ou as pessoas com as coisas? Nestas condições, o homem, no âmbito de sua própria história, engana-se a si mesmo, rejeita sua relação com o divino e coloca-se como realidade autossuficiente e autônoma. Zubiri chama tal engano de *pecado histórico*, o que caracteriza a soberba da vida.

Vejamos o raciocínio de Zubiri frente a essas questões levantadas sobre a vida, a pessoa e o ateísmo. A humanidade sempre quis viver plenamente dentro das possibilidades de cada época. Podemos dizer que ela se preocupou em viver, por vezes, em detrimento da convivência pessoal. Deu-se muita ênfase ao progresso, todavia sem a devida valorização da pessoa humana. Continuou justificando a guerra e as revoluções, tendo como consequência a morte de muitas pessoas; destruindo países em prol da defesa de ideologias materialistas. Tudo isto tendo em

vista o sucesso nas relações de poder geopolítico, resultando na lamentável reificação e instrumentalização da vida humana.

Assim chega-se à situação problemática, decorrente de uma existência ateia desligada e autossuficiente, e que faz o ser humano fundamento de si mesmo. O êxito pessoal acaba produzindo a ruptura entre o humano e o divino, incorrendo na pretensiosa absolutização da vida e no endeusamento humano, caracterizado pela revolta da negação. Contudo, não se dá conta de que a possibilidade da posição ateia depende da realidade de Deus (ZUBIRI, 2010, p. 438-439): “o ateu de uma forma ou de outra faz de si um Deus. O ateísmo não é possível sem um Deus. O ateísmo só é possível no âmbito da deidade aberto pela religião”. Conseqüentemente, o ateísmo experimenta de forma precária o puro fato de existir.

2 Resposta de Zubiri: a religião

Certamente Zubiri viveu essa situação que se acelerou no século XX. Posicionou-se como pessoa, filósofo e religioso de forma radical e sistemática, quer dizer, buscando o apoio dessa situação de provisionalidade centrífuga do homem. Não gastou o tempo, palavras e escritos repetindo formas filosóficas concipientes: afirmação e juízo, silogismos e lógicas, o ente, o eu penso, os conceitos formais e objetivos, a consciência, e até a compreensão do ser. E nem deu exagerada importância ao sem número de tentativas, porque todas elas caíam no mesmo problema: realismo, o idealismo e materialismo mostraram-se ingênuos.

Houve um desvio continuado da subjetividade iniciado por Aristóteles, quando tentou entender o ser, como essência da substância (*hipokeimenon*). Foi na década de 1930 que Zubiri enfrentou a concepção aristotélica da essência e da substância. Além disso tratou do problema da natureza e da história, com o fim de abordar a relação humana com Deus; tendo em vista a reverter a situação de desvios e de decadências subjetivistas.

O problema de Deus é levantado pelo homem desde tempos remotos, com o fim de entender tais problemas através de mistérios, ritos, principalmente buscando uma explicação expressa mentalmente. Certamente, não foi possível provar inequívoca e racionalmente a existência divina, ou porque a filosofia considerou várias vezes que eram insuficientes às provas racionais apresentadas, ou porque não havia possibilidade de qualquer demonstração racional definitiva, apesar, por exemplo, de Santo Tomás de Aquino propor as cinco provas da existência de Deus. Restavam, portanto, pelo menos duas alternativas: a atitude ateia ou a defesa do

sentimento religioso, fonte das crenças teístas a despeito da impossibilidade de demonstração racional (ZUBIRI, 2010, p.405).

Assim, para Zubiri, o problema de Deus relacionar-se-ia ao problema do homem, fazendo com que aquele, enquanto possibilidade filosófica consista “em descobrir a dimensão humana no interior da qual esta questão há de suscitar-se, ou melhor, já está suscitada” (ZUBIRI, 2010, p. 409).

Zubiri, a partir do método da descrição fenomenológica, consagrado pela física quântica, parte de dentro do real para fora; quer dizer: de dentro do que é o ser humano manifestado nas propriedades e qualidades humanas. Essa experiência máxima cria as condições para pensar e medir a melhor realização humana. O homem ao experimentar o que é e o poder fazer, tem a oportunidade de realizar sua personalidade em todas as suas infinitas riquezas por intermédio da religação.

O problema de Deus é para Zubiri, antes de mais, um problema do homem, em que se apoia essa primordial experiência. Porque, “a posição do homem no universo, o sentido da vida, de seus afazeres e de sua história são internamente afetados pela atitude do homem diante desse problema de Deus” (ZUBIRI, 2012, p.383). A experiência de si e a experiência de Deus andam juntas. Por quê? A religação se dá com a realidade humana e com a “realidade profunda” que é “Deus”. Contudo, a concepção zubiriana do divino procura evitar a confusão terminológica em torno do vocábulo e do conceito de Deus, ao tratar dos limites da via intelectual de abordagem da questão teológica (ZUBIRI, 2010, p.384).

Na experiência humana, por mais que “sintamos” Deus, como realidade última, como “a mais distante de todas as realidades” (ZUBIRI, 2010, p.385), também a sentimos como mais próxima dessa nossa radical experiência. O homem e Deus são, assim, reais pelo que são inseparáveis na existência. A realidade humana é relativo-absoluta e Deus é realidade absoluto-relativa. O homem alicerça-se sobre uma realidade fundamental (Deus), e Deus se manifesta de forma diferente em todas as religiões, como formando parte da humanidade.

Surge aqui um problema metafísico, que diz respeito a distinção entre a teorização sobre Deus e a fruição de Deus. Não se pode estabelecer uma identidade entre a especulação sobre Deus e o acesso a Deus. A razão da não-identidade está no fato de a especulação não ser o primeiro meio de acesso a Deus. Uma vez que, para Zubiri, “quando a razão especulativa se pôs a especular e teorizar acerca de Deus, os homens já estavam vertidos com antecipação *intelectual* para Deus” (ZUBIRI, 2010, p.391, grifo do autor). Podemos, portanto, afirmar que em Zubiri há um questionamento da razão especulativa, enquanto via metafísica de acesso

primeiro a Deus. Nem mesmo a metafísica aristotélica logrou êxito em teorizar sobre o aceder aos deuses gregos (ZUBIRI, 2010, p.392).

Entretanto, “o homem não só tem uma ideia de Deus, mas necessita justificar a afirmação de sua realidade” (ZUBIRI, 2010, p.396). Tal justificação, porém é posterior à apreensão intelectual de Deus de contorno não-demonstrativa. Então, a religião é este encontro do humano consigo mesmo e com Deus. Em outras palavras: é a condição de possibilidade da experiência humana; não circunscrita a uma origem, mas a um fundamento. Desse modo, seria tarefa da inteligência *mostrar* tal fundamento (ZUBIRI, 2010, p.397). O homem, pela religião com sua ultimidade, “força a inteligência humana a um estágio ulterior sobre o que é a realidade” (ZUBIRI, 2010, p.398).

Como Zubiri chega a essa conclusão? Tomando como ponto de partida a análise da existência humana. Assim leva em consideração a capacidade humana de executar atos, por intermédio dos quais se atualiza qualitativamente o humano em seu caráter último e distintivo (ZUBIRI, 2010, p.396). Essa ultimidade é o desafio de todo pensamento e de toda filosofia.

Desse modo, Deus é a *realidade plenária*, sem a qual a pessoa humana não pode realizar suas possibilidades ontológicas. Deste modo, a realidade humana depende radicalmente da realidade-fundamento [Deus] para florescer integralmente. Logo, o ateísmo não pode ser a condição primária do humano; mas, pelo contrário, o reflexo de uma espécie de esquecimento ou rejeição daquilo que nos define essencialmente. Em outras palavras: o ateísmo seria uma espécie de desvio ontológico, porque ser uma negação da estrutura ontológica da pessoa humana caracterizada constitutivamente por estar em Deus. Assim sendo, o ateísmo decorre do esquecimento da religião ontológica integrante da existência humana. Dessa atitude de negação emerge uma espécie de existência ateia caracterizada pela sensação de desligamento, superficialidade de vida e revolta espiritual (ZUBIRI, 2010, p.437-438).

3 A religião e a atualização da realidade estritamente pessoal

É de sublinhar que Zubiri teve essas intuições já na década de 1930 na sua etapa fenomenológica. O título do primeiro livro *Natureza, História, Deus* já evidencia a preocupação com a natureza teologal do humano, que nos remete ao problema filosófico de Deus.

Quando Zubiri investigava tal questão, decidiu escrever, em 1959, o livro *El hombre, realidad personal*. Mas ao fazer algumas anotações deixou-o de lado e começou a investigar sobre a fundamentação da religião humana, escrevendo sua obra *Sobre la esencia*. Ele busca

a resposta à pergunta sobre o que está por trás do ser, quer dizer, da consciência, da substância, do sujeito. Sua resposta está na metafísica da realidade sintetizada nesse último texto de sua lavra, completado pela Trilogia da *Inteligência senciente*.

Em *Sobre la esencia* nos apresenta o *homem como realidade pessoal*. Lembremos como Zubiri realiza sua investigação sobre a realidade, a qual compreende como anterior ao ser, porque a existência é depois da realidade. Ele propõe o fundamento que faltava para seu livro *Sobre la persona*, começando por distinguir *coisas-sentido* e *coisas-realidade* para analisar o começo de sua proposta; porque a fenomenologia e o existencialismo fundamentaram a pessoa na consciência e na compreensão do ser. E o fizeram através de representações, como se a pessoa não fosse caracterizada por presença e ser (atualidade).

Então, diante da busca radical levantada, depois de distinguir entre *coisas-sentido* e *coisas-realidade*, demonstra que a realidade não é substância (*hipokeimenon*, *sujeito*), mas *substantividade* não artificial (sistema de notas) dela. Nessa busca distingue a realidade fechada (as coisas) da realidade aberta (a pessoa). Assim o homem antes de ser sujeito ou consciência é "animal de realidades", que deve apropriar-se voluntariamente por decisão suas possibilidades. Entretanto, essas possibilidades devem ser tanto aceitas quanto escolhidas pela pessoa que levará a termo a apropriação (ZUBIRI, 2020, p.159-60).

Esta decisão que o homem sempre deve tomar diante das circunstâncias, tendo em vista sua própria realização, não vem da substância como subjetualidade (*hipokeimenon*), mas da essência (realidade) como substantividade. Aqui deve-se ter em mente a distinção estabelecida por Zubiri entre ambas, sendo a substantividade a base da subjetualidade, do *sujeito-de* (ZUBIRI, 2020, p.160). Desta forma a substantividade singular ou individual possui, enquanto pessoalidade e realidade moral, propriedades que se distinguem pelo fato de serem próprias e adquiridas por apropriação. Assim sendo, tal substantividade não difere do "sistema mesmo de notas constitucionais enquanto clausurado e total" (ZUBIRI, 2020, p.160-163).

Somente no homem – e isso por sua inteligência - assistimos à constituição plenária e formal de uma estrita substantividade individual: é a "inteligização" da animalidade. Pela inteligência, o homem enfrenta-se com o meio e consigo mesmo como 'realidades' – nisto consiste formalmente a inteligência - e na sua virtude se possui a si mesmo como realidade formalmente 'própria'" (ZUBIRI, 2020, p.173).

Deste modo, o fundamento da pessoa não está na substância subjetual, senão na sua substantividade ou sistema de notas. O homem tem umas notas constitucionais que o realizam

como gente e pessoa, o que o faz um “animal de realidades”. A essa estrutura de notas suficientes para constituir a pessoa Zubiri chama de *personidade*. Não ao estilo de matéria e forma de Aristóteles, onde os acidentes são necessários para a aventura da vida e do pensar. Acidentes que, como já falamos, podemos atribuir de qualquer forma ao ser humano. Portanto, da perspectiva zubiriana, a formação da personalidade humana se daria a partir da modulação da “estrutura real da pessoa”, por meio das condições caracterológicas. Tal modulação acabaria por estabelecer a preeminência de alguns traços pessoais em relação as demais; podendo também estabilizá-las.

As condições de caráter pertencem à estrutura real da pessoa, porém pressupõem essa estrutura e se limitam a modulá-la em suas propriedades ou notas, dando a umas prioridades sobre outras ou conferindo-lhes maior estabilidade, etc. É a formação da personalidade. (ZUBIRI, 2020, p.198).

É verdade que podemos falar de “propriedades” materiais e formais dos homens, porém só podemos falar assim porque todas as coisas têm essa condição de poder-se modalizar, ou podemos referir-nos a algo que nos é dado (ele chama de fundamento). A pessoa humana não é mero fruto das explicações científicas; contudo, elas devem estar em consonância tanto com a realidade das coisas quanto com a realidade humana. A elaboração de explicação e teoria sempre deveriam atender ao apelo do real, jamais o contrariando, porque a “realidade é inapelável”.

Entretanto, a realidade humana se pertence “formal e reduplicativamente”, uma vez que esse autopertencimento ocorre a partir da posse de si mesmo. Em outras palavras: tornamo-nos pessoas através do apoderamento de si, que nos faz ir além da mera fruição da ocorrência cronológica da vida.

No ato segundo, este possuir-se é justo a vida. Viver é possuir-se, e possuir-se é pertencer-se a si mesmo em respeito formal e explícito de realidade. A vida como transcurso é mero “argumento” da vida, porém não é o viver mesmo. Na vida o homem se possui a si mesmo transcorrentemente; porém este transcurso é vida somente porque é possessão de si mesmo. Tomado o possuir-se como caráter do ato primeiro, este modo de ser seu é justo o que constitui a pessoa (ZUBIRI, 2020, p.504).

Como a pessoa, que é uma realidade aberta, deve elaborar sua personalidade? Pela sua estrutura mental o homem está vertido desde si mesmo em abertura, conquanto exercite sencientemente sua inteligência. Isto é, sua abertura pessoal se realiza por impressão, não por

mera compreensão, consciência ou juízos. Contudo, não significa que inteligência e sentir sejam instâncias inconciliáveis, pelo contrário, ambas coexistem estruturalmente na personalidade humana. Apesar disso na ordem da apreensão da realidade, a inteligência opera sencientemente, uma vez que o sentir é imprescindível ao processo intelectual e à elaboração da personalidade.

Não se trata, pois, nem de que a intelecção seja um ato ulterior ao sentir, nem de que a intelecção consista em dar ao sentido uma forma objetiva, distinta da subjetiva que teria no sentir (Kant), mas que, em seu exercício, a intelecção é em si mesma senciente, e o sentir é intelectual, e que, em sua estrutura essencial constitutiva, inteligência e sentir constituem uma estrutura básica. Pode dar-se, e se dá de fato, sentir sem intelecção, porém a recíproca não é certa: toda intelecção é ultimamente senciente. Por isso o homem é “animal de realidades”; e disso resulta que o homem é “animal pessoal”. O homem vai elaborando sua personalidade em distensão e protensão precisamente porque estruturalmente já é personidade, e o é animalmente (ZUBIRI, 2020, p.507).

Considerações finais.

A partir das intuições filosóficas de Zubiri, procuramos tratar da questão do ateísmo histórico. Uma vez que, da perspectiva zubiriana, o problema do homem e problema de Deus estão intrinsecamente relacionados, tal questão reveste-se de grande importância. Entretanto, nossa motivação não foi combativa, mas propositiva, uma vez que reconhecemos ser a atitude ateia uma das respostas possíveis ao problema de Deus.

Na primeira parte deste artigo, propusemos uma caracterização do ateísmo histórico enquanto "soberba da vida". Constatamos que no pensamento zubiriano a atitude ateia acaba sendo um desvio ontológico resultante da autossuficiência humana.

Na segunda parte, procuramos expor como Zubiri responde à questão ateísta, propondo a noção de religação ontológica. Tal religação pressupõe que a pessoa humana atualiza suas possibilidades ontológicas em razão de estar em Deus, que é a condição de possibilidade da realidade e da realização humana.

Na terceira parte, tivemos por objetivo demonstrar como a noção zubiriana de religação ontológica do humano para com Deus encontra-se associada à característica fundamental que nos define: a pessoalidade humana. O homem tem uma estrutura de vida, humana e pessoal, que se atualiza pela ação, à medida que toma consciência de sua religação com o fundamento do real, o qual é Deus.

Portanto, o ateísmo não pode ser a condição primária do ser humano, tendo em vista que o florescimento humano depende da relação com Deus, enquanto realidade última e fundante.

Vale dizer: a pessoa humana é constitutivamente estruturada a partir da conexão ontológica com o divino, cabendo-lhe atualizar suas potencialidades através de sua inteligência do real e de sua ação.

Referências

CONILL SANCHO, Jesús. **Zubiri treinta años después**. ABC 9-nov-2013.

GRACIA GUILLÉN, Diego. **Zubiri: treinta años después**. Anales de la Real Academia de Ciencias Médicas y Políticas. ISSN 0210-4121, No. 91, 2014, p. 525-556. Sesión 13-3-014. Dialnet. Unrrijoa.

ZUBIRI, Xavier. **Natureza, História, Deus**. São Paulo: É realizações, 2010.

_____. **Sobre la esencia**. Madrid: Alianza Editorial, 2020.